



SIMPÓSIO PARAENSE DE PLANTAS MEDICINAIS DA AMAZÔNIA

Etnobotânica: Plantas Medicinais e transmissão de Saberes

Larissa S. Q. Fernandes¹, Antonio R. N. da Silva², Ruth H. C. Almeida³

¹ UFRA, Belém – Pará. larissa.quintero2024@gmail.com

² UFRA, Belém – Pará. ralysonsilva98@gmail.com

³ UFRA, Belém – Pará. ruth.almeida@ufra.edu.br

Palavras-chave: Plantas medicinais; Transmissão de saberes; Biodiversidade amazônica.

Segundo Cavalcante et al. (2022) as pesquisas etnobotânicas são essenciais para valorizar esses conhecimentos e conservar a sociobiodiversidade, principalmente na região Amazônica, cujo uso de plantas medicinais é importante para a cultura, saúde e economia da população. Este trabalho tem o objetivo geral analisar a importância da biodiversidade amazônica na cultura paraense, enfatizando o uso de remédios caseiros. Especificamente, buscou-se analisar a relevância da flora amazônica para a continuidade dessas práticas e identificar quais espécies vegetais são utilizadas pela população e os motivos que justificam seu uso. Assim, práticas alternativas podem complementar um modelo renovado de cuidado à saúde, conforme Sganzerla (2022). Trata-se de um estudo de percepção, no qual foi aplicado um questionário digital para um público de 30 participantes, todos residentes do estado do Pará. Os dados foram analisados de forma quali-quantitativa, permitindo identificar os padrões no uso das plantas medicinais e a percepção local sobre os remédios caseiros. Observou-se que a maioria dos participantes pertence à faixa etária de 20 a 59 anos (90%) e reside em área urbana (93,3%), verificou-se que 93,3% utilizam plantas medicinais, principalmente para tratar doenças gastrointestinais (51,4%), sendo o Boldo (*Plectranthus barbatus*) a espécie mais citada, seguida por Andiroba (*Carapa guianensis*), Erva-cidreira (*Lippia alba*) e Copaíba (*Copaifera langsdorffii*), que são utilizadas de modo geral, respectivamente, como digestivos, anti-inflamatórios, relaxantes e cicatrizantes. A transmissão do conhecimento ocorre majoritariamente pela família (89,9%) e 56,6% cultivam as plantas em casa, sobre preferência, 53,3% preferem remédios caseiros a medicamentos farmacêuticos. Com relação à não utilização, 20% afirmaram que não usam por preferirem medicamentos de farmácia; apesar disso, de acordo com Sousa et al. (2021), esses conhecimentos são importantes para a indústria farmacêutica na escolha de espécies para investir em testes laboratoriais. Conclui-se, portanto, que o uso de plantas medicinais permanece relevante entre a população estudada, mesmo em áreas urbanas, sendo fortemente influenciado pela transmissão familiar e pelo fácil acesso às espécies. Ademais, o conhecimento popular sobre o uso de plantas medicinais pode servir como base para o desenvolvimento de produtos fitoterápicos, promovendo a valorização socioeconômica da biodiversidade regional. Observa-se, contudo, uma preocupação com a perda desse conhecimento tradicional, relatada em 80% das respostas ao questionário, reforçando a importância de ações voltadas para sua preservação e valorização cultural.

1. Cavalcante, F. S.; Scudeller, V. V. Revista Valore, 2022, 7, e-7050.

2. Sganzerla, C. M. et al. Revista Fitos, 2022, 15(Supl. 1), 93–97.

3. Sousa R. L. et al. Research, Society and Development, 2021 [S. I.], v. 10, n. 7.

Agradecimentos: UEPA, UFPA, CAPES, CNPq, FAPESPA, UFRA.

